

SÉRGIO LESSA E IVO TONET

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DE MARX

2ª edição
Editora Expressão Popular
São Paulo – 2011

Copyright © 2008, by Editora Expressão Popular

Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho e Miguel Cavalcanti Yoshida*
Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*
Arte da capa: *Arte sobre imagem de Larry Rivers*
Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L638i Lessa, Sérgio
Introdução à filosofia de Marx / Sérgio Lessa, Ivo Tonet.
— 2.ed. — São Paulo : Expressão Popular, 2011.
128 p.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>
ISBN 978-85-7743-073-4

1. Filosofia marxista. 2. Filosofia. I. Tonet, Ivo. II. Título.

CDD197
CDU 141.82

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

2ª edição: dezembro de 2011
1ª reimpressão: novembro de 2013

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Rua Abolição, 201 – Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3522-7516 / 4063-4189 / 3105-9500
editora.expressaopopular.com.br
livraria@expressaopopular.com.br

Capítulo II

A relação do homem com a natureza: o trabalho

O único pressuposto do pensamento de Marx é o fato de que os homens, para poderem existir, devem transformar constantemente a natureza.² Esta é a base ineliminável do mundo dos homens. Sem a sua transformação, a reprodução da sociedade não seria possível. Essa dependência da sociedade para com a natureza, contudo, não significa que o mundo dos homens esteja submetido às mesmas leis e processos do mundo natural. Sem a reprodução biológica dos indivíduos não há sociedade; mas a história dos homens é muito mais do que a sua reprodução biológica. A luta de classes, os sentimentos humanos, ou mesmo uma obra de arte, são alguns exemplos que demonstram que a vida social é determinada por outros fatores que não são biológicos, mas sociais.³

Essa simultânea articulação e diferença do mundo dos homens com a natureza tem por fundamento o trabalho. Por meio do trabalho, os homens não apenas constroem materialmente a sociedade, mas também lançam as bases para que se construam como indivíduos. A partir do trabalho, o ser humano se faz diferente da natureza, se faz um autêntico ser social, com leis de

² Temos aqui uma importante característica metodológica de Marx: o seu pressuposto pode ser historicamente verificado. Se encontrássemos alguma sociedade que não necessitasse do intercâmbio orgânico com a natureza para a sua reprodução, todo o marxismo teria que ser revisto. O fato de ter por pressuposto algo que pode ser verificado na realidade faz do pensamento de Marx uma teoria muito distinta de todas as outras correntes filosóficas que quase sempre "deduzem" ou "inferem" os seus pressupostos de seus próprios fundamentos. Marx e Engels, *A ideologia alemã*, p. 23 e ss.; Engels, *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, em especial a parte II.

³ Marx e Engels, *A ideologia alemã*, p. 31.

desenvolvimento histórico completamente distintas das leis que regem os processos naturais.⁴

Marx entende por trabalho um tipo de atividade muito diferente daquela que podemos encontrar nas abelhas ou formigas. Nessas, a organização das atividades e sua execução são determinadas geneticamente e, por isso, não servem de fundamento para o desenvolvimento desses insetos. Por séculos, as abelhas e as formigas produzirão, exatamente da mesma forma, o que já produzem hoje.

Entre os homens, a transformação da natureza é um processo muito diferente das ações das abelhas e formigas. Em primeiro lugar, porque a ação e seu resultado são sempre projetados na consciência antes de serem construídos na prática. É essa capacidade de idear (isto é, de criar ideias) antes de objetivar (isto é, de construir objetiva ou materialmente) que funda, para Marx, a diferença do homem em relação à natureza, a evolução humana.⁵ Vejamos por quê.

PRÉVIA-IDEAÇÃO E OBJETIVAÇÃO⁶

Vamos imaginar que alguém tenha a necessidade de quebrar um coco. Para atingir esse objetivo, há várias alternativas possíveis: pode jogar o coco no chão, pode construir um machado, pode queimá-lo e assim por diante. Para escolher entre as alternativas, deve imaginar o resultado de cada uma, ou, em outras palavras, deve antecipar na consciência o resultado provável de cada alternativa.

Essa antecipação na consciência do resultado provável de cada alternativa possibilita às pessoas escolherem aquela que avaliam

⁴ Marx e Engels, *A ideologia alemã*, p. 23 e ss.; Marx, *O capital*, livro I, capítulo V, 1983.

⁵ Marx, *O capital*, livro I, tomo I, pp. 150-151; Engels, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*.

⁶ A respeito desta questão, ver Marx e Engels, *A ideologia alemã*, p. 40 e ss.; Marx, *O capital*, volume I, capítulo V.

como a melhor. Escolha feita, o indivíduo leva-a à prática, ou seja, objetiva a alternativa.

Vamos imaginar que a alternativa escolhida para quebrar o coco seja a de construir um machado. Ao construí-lo, o indivíduo transformou a natureza, pois o machado era algo que não existia antes. Isso é da maior importância, uma vez que toda objetivação é uma transformação da realidade.

Este é o modo do agir cotidiano que todos conhecemos. Vejamos o que de fato ocorreu:

1. há uma necessidade (quebrar o coco);
2. há diversas alternativas para atender a essa necessidade (jogar o coco no chão, construir o machado etc.);
3. o indivíduo projeta, em sua consciência, o resultado de cada uma das alternativas, faz uma avaliação delas e escolhe aquela que julga mais conveniente para atender à necessidade;
4. uma vez projetado na consciência, ou seja, uma vez previamente ideado o resultado almejado, o indivíduo age objetivamente, transforma a natureza e constrói algo novo. Esse movimento de converter em objeto uma prévia-ideação é denominado por Marx de objetivação.

O resultado do processo de objetivação é, sempre, alguma transformação da realidade. Toda objetivação produz uma nova situação, pois tanto a realidade já não é mais a mesma (em alguma coisa ela foi mudada) quanto também o indivíduo já não é mais o mesmo, uma vez que ele aprendeu algo com aquela ação. Quando for fazer o próximo machado, utilizará a experiência e a habilidade adquiridas na construção do machado anterior. Ele poderá, ainda, incorporar ao novo machado a experiência de uso do machado antigo (por exemplo, um cabo desta madeira é pior do que daquela outra, esta pedra é melhor do que aquela outra etc.).

Segundo Marx, isso significa que, ao construir o mundo objetivo, o indivíduo também se constrói⁷. Ao transformar a natureza,

⁷ Marx, *O capital*, volume I, capítulo V.

os homens também se transformam, pois adquirem sempre novos conhecimentos e habilidades. Essa nova situação (objetiva e subjetiva, bem entendido) faz com que surjam novas necessidades (um machado diferente, por exemplo) e novas possibilidades para atendê-las (o indivíduo possui conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente e, além disso, possui um machado para auxiliá-lo na construção do próximo machado).

Essas novas necessidades e possibilidades impulsionam o indivíduo a novas prévias-ideações, a novos projetos e, em seguida, a novas objetivações. Estas, por sua vez, darão origem a novas situações que farão surgir novas necessidades e possibilidades de objetivação, e assim por diante.⁸

Três aspectos desse complexo processo são decisivos para a compreensão do ser social:

1. O machado é um objeto construído pelo homem e apenas poderia existir por meio da objetivação de uma prévia-ideação. Sem que um indivíduo objetive um projeto ideal (isto é, da consciência), não há machado possível. A natureza pode produzir milho, mas não pode construir machados.

Contudo, o machado é a transformação de um pedaço da natureza. A madeira e a pedra do machado continuam sendo pedaços da natureza. Se desmanchamos o machado, a pedra e a madeira continuarão pedra e madeira. O machado é a pedra e a madeira organizadas segundo uma determinada forma e um determinado fim – e estes só podem existir como resultado de uma ação conscientemente orientada, isto é, de uma ação que é orientada por um projeto previamente idealizado como resposta a uma necessidade concreta. A objetivação, portanto, não significa o desaparecimento da natureza, mas sua transformação no sentido desejado pelos homens.

2. A prévia-ideação é sempre uma resposta, entre outras possíveis, a uma necessidade concreta. Portanto, ela possui um

⁸ Marx e Engels, *A ideologia alemã*, pp. 41-42.

fundamento material último que não pode ser ignorado. Nenhuma prévia-ideação brota do nada, ela é sempre uma resposta a uma dada necessidade que surge em uma situação determinada.

3. Como toda objetivação origina uma nova situação, a história jamais se repete.

Iniciamos este capítulo tentando esclarecer por que, para Marx, o trabalho é o fundamento do ser social. Até agora, obtivemos uma resposta apenas parcial a essa pergunta: pelo trabalho, o homem, ao transformar a natureza, também se transforma. Quando os homens constroem a realidade objetiva, também se fazem a si mesmos como indivíduos.

Contudo, esse exemplo que estamos analisando (um indivíduo que precisa quebrar um coco e, para isso, faz um machado) tem uma séria limitação: ele trata do indivíduo e da sua ação como se a sociedade não existisse. Como uma etapa preparatória para o estudo da reprodução social, esse passo é indispensável porque possibilita a identificação precisa dos elementos essenciais do trabalho. Todavia, como não há indivíduos sem sociedade, restringir a análise do mundo dos homens apenas aos indivíduos seria um enorme equívoco. Por isso, para respondermos à pergunta mais satisfatoriamente, analisaremos no próximo capítulo a relação entre os atos dos indivíduos e a sociedade.

RESUMO DO CAPÍTULO

I) Para existirem, os homens devem necessariamente transformar a natureza. Esse ato de transformação é o trabalho.

O trabalho é o processo de produção da base material da sociedade pela transformação da natureza. É, sempre, a objetivação de uma prévia-ideação e a resposta a uma necessidade concreta. Da prévia-ideação à sua objetivação: isto é o trabalho. Vale enfatizar que, para Marx, nem toda atividade humana é trabalho, mas apenas a transformação da natureza. Veremos mais adiante por quê.

II) Ao transformar a natureza, o indivíduo também transforma a si próprio e à sociedade:

1. todo ato de trabalho produz uma nova situação, na qual novas necessidades e novas possibilidades irão surgir;
2. todo ato de trabalho modifica também o indivíduo, pois este adquire novos conhecimentos e habilidades que não possuía antes, bem como novas ferramentas que também antes não possuía;
3. todo ato de trabalho, portanto, dá origem a uma nova situação, tanto objetiva quanto subjetiva. Essa nova situação possibilitará aos indivíduos novas prévias-ideações, novos projetos e, desse modo, novos atos de trabalho, os quais, modificando a realidade, darão origem a novas situações, e assim por diante.

Capítulo III

O trabalho e a sociedade

Iniciamos o capítulo anterior com o exemplo de um indivíduo que deseja quebrar um coco e que, para isso, decide construir um machado. Isso nos permitiu estudar a relação entre a prévia-ideação e a sua objetivação. Contudo, esse exemplo é rigorosamente impossível de ocorrer na história, pois não há indivíduos fora da sociedade. O personagem da nossa história só poderia existir como parte de uma sociedade, mesmo a mais primitiva, e a sua necessidade de quebrar o coco, bem como o seu ato de construir o machado, influenciam e recebem influências da sociedade na qual vive. Para que nosso exemplo torne-se mais real, devemos estudar a complexa relação que existe entre os atos individuais e a vida social.

OBJETIVAÇÃO E SOCIEDADE

Já vimos como a construção do machado, ao modificar a realidade, também modifica o indivíduo, dotando-o de novos conhecimentos e habilidades. Contudo, na vida real, as coisas são um pouco mais complicadas.

O machado, embora construído por um indivíduo, é também resultado da evolução anterior da sociedade. Apenas uma sociedade que já se desenvolveu um pouco, saindo do seu estágio mais primitivo, pode construir um machado. Sem essa evolução anterior, ele não existiria.

Por outro lado, essa descoberta é decisiva para a história humana: é uma ferramenta que aumenta muito a capacidade produtiva e abre novas possibilidades de desenvolvimento.

Observe-se bem: a construção do machado é possível graças à evolução anterior e, além disso, possui consequências futuras. Ao ser objetivado, ele passa a fazer parte da história dos homens,

passa a influenciar e a sofrer influências dessa história. Ou seja, ele é parte de um desenvolvimento muito mais geral, que vai para muito além dele próprio, que é a história humana.

A nova situação, criada pela objetivação do machado, possui, portanto, uma dimensão social, coletiva. Não apenas o indivíduo se encontra em uma nova situação, mas toda a sociedade se encontra frente a um novo objeto, o que abre novas possibilidades para o desenvolvimento tanto da sociedade quanto do indivíduo, levando ambos a evoluírem.⁹

O objeto construído pelo trabalho do indivíduo possui, portanto, sempre segundo Marx, uma ineliminável dimensão social: ele tem por base a história passada; faz parte da vida da sociedade; faz parte da história dos homens de um modo geral¹⁰.

Mantenha-se essa dimensão social do trabalho em mente, pois ela será importante para a conclusão deste capítulo.

OBJETIVAÇÃO E CONHECIMENTO

Já nos referimos ao fato de que, ao construir o machado, o indivíduo também se transforma, já que adquire novas habilidades e novos conhecimentos. O que agora nos interessa é o que ocorre com estes últimos.

Por um lado, esse conhecimento é generalizado, de modo a ser útil tanto para a construção de novos machados quanto em situações muito distintas. Por exemplo, na medida em que o indivíduo constrói machados, ele aprende a distinguir as pedras umas das outras. Isso lhe permite diferenciar as pedras duras das menos resistentes, as pesadas das mais leves etc. O que lhe possibilita, também, conhecer outras características das pedras, por exemplo, as vermelhas têm esta qualidade e aquele defeito para se fazerem machados, as negras têm outras qualidades e defeitos e assim por diante. Do conhecimento imediatamente útil para a produção do machado se evolui para o das propriedades das

⁹ Marx e Engels, *A ideologia alemã*, p. 43 e ss.

¹⁰ Marx e Engels, *A ideologia alemã*, pp. 53-54.

pedras em geral e, desse modo, para o da natureza. O mesmo ocorre com todos os objetos com os quais os homens entram em contato: de um conhecimento singular e imediato se evolui para outro cada vez mais abrangente e genérico. Por esse meio, um conhecimento que se originou da construção do machado pode converter-se em algo útil para a construção de casas, pontes etc. Isto é, pode ser aplicado em situações muito diferentes daquela em que se originou.

Esse fato não deve ser subestimado. Ele pode abrir possibilidades novas e inesperadas ao desenvolvimento social. O conhecimento das pedras adquirido ao se fazerem machados pode, por exemplo, ser decisivo para uma tribo descobrir que determinadas pedras, uma vez colocadas no fogo, derretem e liberam metais como o cobre e o ferro.

Este é um dos níveis de generalização do conhecimento, que estamos estudando: o conhecimento de um caso singular (construção de um machado) se eleva a genérico que pode ser útil em diversas circunstâncias.

Mas há, também, um outro processo de generalização: os conhecimentos adquiridos por um indivíduo tendem a se tornar patrimônio de toda a sociedade. Em mais ou menos tempo, dependendo do caso, eles se generalizam a todos indivíduos. O que era de domínio de apenas uma pessoa torna-se de toda a humanidade.

Podemos, agora, retornar à afirmação que fizemos acima e torná-la ainda mais complexa. Dizíamos que todo ato de trabalho possui uma dimensão social. Em primeiro lugar, porque ele é também o resultado da história passada, é expressão do desenvolvimento anterior de toda a sociedade. Em segundo lugar, porque o novo objeto promove alterações na situação histórica concreta em que vive toda a sociedade; abre novas possibilidades e gera novas necessidades que conduzirão ao desenvolvimento futuro. Em terceiro lugar, porque os novos conhecimentos adquiridos se generalizam em duas dimensões: tornam-se aplicáveis às situações mais diversas e transformam-se em patrimônio genérico de toda

a humanidade na medida em que todos os indivíduos passam a compartilhar dos mesmos.¹¹

Essas características que comparecem de forma elementar no trabalho estão também presentes em todo e qualquer ato humano – portanto, não são exclusivas do trabalho. E, por isso, Marx afirma que toda e qualquer ação dos indivíduos tem uma dimensão social. Suas consequências influenciam não apenas a vida do indivíduo, mas também a de toda a sociedade. Essa articulação entre os atos dos indivíduos e a vida social coletiva é da maior importância. Possibilita a compreensão de quais os processos que articulam, e como o fazem, indivíduo e sociedade em uma relação indissolúvel. As consequências disso serão vistas no capítulo X.

Podemos, agora, responder à nossa pergunta do capítulo anterior acerca das razões de ser o trabalho a categoria fundante do mundo dos homens. O trabalho é o fundamento do ser social porque ao transformar a natureza, cria a base, também material, indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E essa articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades, num processo de acumulação constante (e contraditório, como veremos). É esse processo de acumulação de novas situações e de novos conhecimentos – o que significa novas possibilidades de evolução – que faz com que o desenvolvimento do ser social seja ontologicamente (isto é, no plano do ser) distinto da natureza.

RESUMO DO CAPÍTULO

I) Todo ato humano tem por base a evolução passada da sociedade, a situação presente concreta em que se encontra o indivíduo

¹¹ Para a discussão do conhecimento e sua relação com a vida prática, conferir Marx e Engels, *A ideologia alemã*, pp. 43-46. Para a função da consciência no processo do conhecimento, ver "Teses sobre Feuerbach", in Marx e Engels, *A ideologia alemã*; Marx e Engels, "O mistério da construção especulativa". In: *A sagrada família*, pp. 72-74.

e suas aspirações e seus desejos para o futuro. Não há ato humano fora da história, fora da sociedade.

II) A objetivação resulta, sempre, em três níveis de generalização:

1. O nível objetivo: o objeto produzido passa a ser influenciado e a influenciar toda a sociedade. Sua história adquire, assim, uma dimensão genérica: é, agora, parte da história humana.
2. O nível subjetivo, que se subdivide em dois subníveis:
 - a) o conhecimento de um caso singular (como fazer este machado) se eleva a um conhecimento acerca da realidade em geral. Esse conhecimento genérico da realidade pode ser aplicado em circunstâncias muito distintas daquelas em que se originou.
 - b) o conhecimento de um indivíduo se difunde por toda a sociedade, tornando-se patrimônio da humanidade.

III) O trabalho é o fundamento do ser social porque, por meio da transformação da natureza, produz a base material da sociedade. Todo processo histórico de construção do indivíduo e da sociedade tem, nessa base material, o seu fundamento.

Capítulo IV

O que é, mesmo, um machado?

O machado é a madeira e a pedra organizadas em forma de machado. Na origem dessa forma está o trabalho.

O trabalho converte uma ideia, que apenas existe na consciência, em um objeto. Em outras palavras, o machado é uma síntese¹² entre o mundo natural (a pedra e a madeira), que existe independentemente da consciência, e a ideia de machado. Essa síntese é fundada pelo trabalho: ela depende da ação de, ao menos, um indivíduo. Sem ela, o machado não existiria. Em linguagem filosófica, dizemos que o machado é a unidade sintética da prévia-ideação do machado com a madeira e a pedra.

PRÉVIA-IDEAÇÃO E CAUSALIDADE

Por que a ideia de machado é diferente do objeto machado? A ideia depende absolutamente da consciência para existir; o machado, uma vez produzido, não.¹³

Sem a consciência por suporte, a ideia não pode existir. Com o objeto acontece algo muito diferente. A consciência que o projetou, o indivíduo e mesmo a sociedade que o criaram podem desaparecer e ele continuar existindo. Quantos objetos de civilizações passadas subsistiram aos seus criadores! Claro que quem construiu o machado pode também destruí-lo. Mas esse fato não significa que o machado não possua a sua história, ou seja, sua evolução própria, que pode mesmo se estender no tempo muito

¹² Síntese é um conceito filosófico que adquiriu enorme importância com Hegel (1770-1831) e, depois, com Karl Marx. Ele significa que coisas distintas (no nosso caso, a ideia de machado e a madeira e a pedra) se articulam dando origem a uma terceira, qualitativamente distinta das anteriores (o machado, no nosso exemplo).

¹³ Marx e Engels, *A sagrada família*, p. 137.

depois de seus criadores já terem morrido. Isso acontece porque ele é distinto da ideia, da consciência.

Claro que o machado, uma vez objetivado, continua a sofrer transformações. A madeira e a pedra, por serem pedaços da natureza, continuam naturalmente a se alterar. A madeira vai secando, apodrecendo etc., a pedra vai se oxidando, rachando, reagindo com os componentes do ambiente em que se encontra, e assim por diante. Os processos naturais continuam a agir sobre o machado e essa ação é um componente importante de sua história.

Mas, ao lado dessas transformações naturais, o machado também passa por transformações provocadas pelos humanos. O seu uso pelas pessoas pode submeter a pedra e a madeira a um tipo de desgaste que não sofreriam na natureza. Ou, também, o seu uso pode protegê-lo de desgastes que sofreria em seu estado natural: ele pode ser preservado das chuvas, do sol etc.

Em suma, sendo o machado a unidade sintética entre a prévia-ideação e a natureza, sua evolução é determinada tanto pelos processos naturais quanto pelo seu uso pelos homens.

A evolução do machado – ou, mais precisamente, a história dele – não pode jamais ser controlada de forma absoluta pelo seu criador. Por mais que o indivíduo cuide da sua ferramenta, ela pode evoluir num sentido diferente – às vezes mesmo oposto – àquele desejado. O machado pode quebrar no momento em que ele seria mais necessário; ou então, pode levar a descobertas de novas possibilidades para a evolução social de que seu criador jamais poderia suspeitar.

Quantas vezes nós nos deparamos, nas nossas vidas, com consequências de nossas ações que jamais imaginávamos possíveis? Essas consequências podem ser boas ou ruins, aqui não importa. O que importa é que toda ação humana produz resultados que possuem uma história própria, que evoluem em direções e sentidos que não podem jamais ser completamente previstos ou controlados, produzindo consequências inesperadas.

Essa independência da realidade frente à consciência – mesmo daquela porção da realidade produzida pelos homens – existe por-

que todos os nossos atos constroem objetos que são distintos de nós e de nossas consciências. Esses objetos possuem uma evolução própria porque neles atuam causas a eles inerentes e que impulsionam seu desenvolvimento. No caso do machado, essas causas são naturais (o apodrecimento da madeira, o envelhecimento da pedra) somadas a causas sociais (a forma como o machado é utilizado etc.). Outras vezes, como quando se trata das lutas de classes, elas são exclusivamente sociais.¹⁴

Em outras palavras, a ideia que é objetivada se transforma em objeto. O novo objeto se converte em parte da causalidade e passa a sofrer influências e a influenciar a evolução da realidade da qual é parte. Ao fazê-lo, é submetido a uma relação de causas e efeitos que impulsionam a sua evolução com autonomia frente à consciência que o idealizou.

Há, assim, a esfera subjetiva, a consciência e, de outro lado, o mundo objetivo. Este último evolui movido por causas que lhe são próprias. Essa esfera puramente causal é denominada, por Lukács, causalidade, ou seja, algo que possui um princípio próprio de movimento. Sua evolução acontece na absoluta ausência de consciência, ainda que a consciência, por meio da objetivação, possa interferir em sua evolução. Quantas vezes, por exemplo, a intervenção humana não destruiu uma parte da natureza? Mas isso não significa que a existência da natureza dependa da consciência. A rigor, a natureza é mesmo anterior à consciência.

O machado, ao ser transformado de ideia em matéria, foi inserido em uma cadeia de causas e efeitos (a causalidade) que passa então a influenciar a sua história mesmo que disso os homens não tenham consciência, ou a tenham apenas parcialmente. Em outras palavras, ideia e causalidade, consciência e objetos produzidos pelo trabalho são ontologicamente distintos e, por isso, os produtos resultantes do trabalho humano têm consequências inesperadas para a história. O mesmo podemos dizer de todas as ações humanas que não são trabalho. Ao transformarem as rela-

¹⁴ Marx e Engels, *A ideologia alemã*, p. 30-31; Marx, *O capital*, livro I, v. 1, pp. 150-153.

ções sociais, elas alteram o mundo dos homens, dando origem a novos processos sociais que possuem consequências futuras que, em alguma medida, são casuais.

RESUMO DO CAPÍTULO

I) Ideia e matéria são qualitativamente distintas. Jamais uma será a outra. A ideia, ao se objetivar em um produto, deixa de ser ideia e se converte em matéria. A matéria, ao ser pensada pela consciência, é convertida em ideias.¹⁵

II) A matéria se distingue da consciência por possuir em si própria suas causas, seus princípios de movimento e de evolução. Por isso, Lukács, para diferenciá-la da prévia-ideação, denomina-a causalidade.

III) Os objetos criados pelo trabalho se originam da objetivação de prévias-ideações. Contudo, ao se objetivarem as prévias-ideações, o objeto produzido é inserido na cadeia de causas que rege o setor da realidade ao qual pertence, e sua evolução passa a ser determinada também por essas causas. Do mesmo modo, sua ação sobre a evolução da realidade, seja ela social ou natural, se dará de modo puramente causal.

IV) O fato de ideia e matéria serem ontologicamente distintas não impede as ideias de exercerem força material na transformação do mundo dos homens. Ao se converterem em “força material”, as ideias jogam um papel objetivo na história. Veremos isso com mais cuidado ao tratarmos da ideologia.

¹⁵ Isto é uma aproximação que pode ser aceitável em uma introdução, mas que está longe de dar conta da questão. Pois a subjetividade humana é composta muito mais do que por ideias; ela contém emoções, sensações, complexos valorativos, pulsões afetivas etc. que, ainda que tenham todos eles seu fundamento na relação do homem com o mundo em que vive, não são de modo algum redutíveis a ideias. Por outro lado, um objeto, como uma mesa, não é apenas a matéria (madeira, pregos etc.), mas também expressão da subjetividade que a idealizou. Isso pode ser nitidamente percebido nas obras de arte, nas quais a personalidade do artista é determinante – mas, de forma mais atenuada, esse fato se faz presente em toda e qualquer objetivação. Por isso, a contraposição aqui feita entre ideia e matéria não vai além de uma enorme simplificação que, repetimos, pode servir como introdução, mas que não se refere à totalidade do problema.